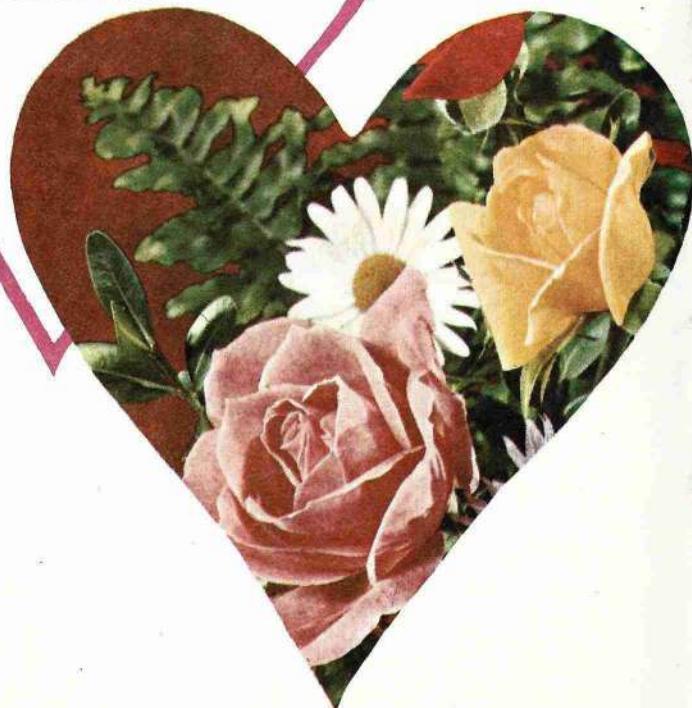


## 23 **A Mensagem da Rocha**



O homem caído em fundo desalento,  
Perante imensa dor, cruelmente sofrida,  
Fora ao topo da rocha, a passo triste e lento,  
Desejando escapar às lágrimas da vida.

Sentia-se cansado, em abalo profundo,  
E queria fugir, ante as provas do mundo...

Mais de trezentos metros... E atingira  
O ápice da altura  
De que estava à procura  
Para a queda fatal;  
Mas enquanto antevia o momento final,  
Fitando enorme abismo, a esperá-lo em silêncio,  
Quando brando torpor lhe invade o corpo e vence-o,  
Surge-lhe a indecisão, lamenta-se, medita,  
Quando escuta assombrado,  
De alma tremente e aflita,  
A voz da própria rocha,

Cujo penhasco, em cima, erguia-se-lhe ao lado:  
 — Pára, ouve e reflete, meu amigo,  
 Não te mates em vão,  
 Por mais te fira a provação  
 Não olvides que Deus está contigo.  
 O sofrimento é vida que te apruma,  
 Não acharás a morte, em parte alguma...  
 Declaras-te infeliz, tens o peito magoado,  
 Afirmas que ninguém te dá valor,  
 Que não passas de um ser estranho e sofredor,  
 A morrer de amargura e desagrado;  
 Por maior seja a angústia em que te expresses,  
 Tens contigo a razão por dom divino,  
 Podes modificar o teu próprio destino,  
 Quanto a mim, tal qual sou, não sei se me conheces...  
 Sou a rocha esquecida  
 Que deve sustentar os processos da vida...  
 Calço o leito dos mares,  
 Carrego a Terra toda em total disciplina,  
 Aceito sem queixar-me a lei que me domina,  
 Não sei se o meu trabalho é singelo ou de vulto,  
 Sei, porém, que na esteira das idades,  
 Suporto sobre mim os campos e as cidades  
 Sem que ninguém me anote o esforço oculto...  
 Sou o piso dos rios e das fontes,  
 Protejo entre os arados e os tratores,  
 Desde o vale mais baixo à eminência dos montes,  
 O cultivo dos frutos e das flores.  
 Devo, porém, dizer-te que, além disso,  
 Desde as eras passadas,  
 Sempre sofri com rudes marteladas...  
 Picaretas, formões e outros instrumentos  
 Arrebentam-me a forma, entre golpes violentos;

Aos que me espancam devo abrir os braços  
 A fim de que me arranquem aos pedaços.  
 Os homens que me buscam  
 Ferem-me sem cessar com lâminas e limas,  
 Fazem comigo casas e obras-primas,  
 Não se lembram, porém, na agressão que me alcança...  
 Que Deus, em mim, lhes guarda a vida e a segurança...  
 Agora, em minha dor, por mais gema e mais grite,  
 Estraçalham-me o corpo a dinamite.  
 Mas em nada lastimo as lutas que confesso,  
 Busco servir a Deus que me fez tal qual sou,  
 Para guardar o mundo e estender o progresso.  
 Sou em minha aspereza,  
 Por determinação da natureza,  
 Alto poder vencido,  
 Mas Deus que é tudo em todos sempre foi  
 O Anônimo Esquecido...

Depois de longa pausa, a rocha ainda lhe diz:  
 — Vive, trabalha, sofre, aprende, luta,  
 Não olvides que Deus te acompanha e te escuta,  
 Nem te esqueças que podes ser feliz.

O homem desanimado transformou-se,  
 Abraçado ao penhasco, ele, o quase suicida,  
 Suplicou a chorar: - Perdoa-me, Senhor!  
 Ouvi a voz da pedra... Agora entendo a dor  
 A fim de compreender a grandeza da vida.

E erguendo para o Alto os braços seus,  
 Traduzindo a alegria em pranto ardente,  
 Exclamou, reverente:  
 — Obrigado, meu Deus!